



ENTRE O ESCREVER E O LER-SE: CARTAS QUE INSPIRAM E CONECTAM TRAJETÓRIAS.

Alessandra Lílian de Jesus Teixeira - UFMA ¹

Gláucia dos Reis Moura Fernandes - UFMA ²

Jaqueline de Cássia Nascimento da Silva - UFMA ³

Livia Nascimento Frazão Lima - UFMA ⁴

Neiliane Oliveira Morais - UFMA ⁵

Ingressar em um programa de pós-graduação em Artes implica vivenciar um deslocamento: professores, artistas e pesquisadores, vindos de diferentes contextos, passam a ocupar o lugar de professores-pesquisadores na turma do programa de mestrado profissional - PROFARTES/UFMA 2025. Diante do novo desafio, surgem sentimentos de entusiasmo e ânimo, entrelaçados às responsabilidades atribuídas pelo papel emergente, assim como a incerteza inicial sobre as práticas acadêmicas, elucidada em falas como: “meu projeto de pesquisa não está bom!”, “Preciso rever o problema da minha pesquisa!”

Se por um lado nos sentimos instigados e preocupados, ainda nas primeiras aulas, com os rumos de uma pesquisa sequer iniciada, por outro, ousamos nos permitir viver a experiência da investigação acadêmica com todos os seus meandros. Foi numa dessas curvas que, guiados pela atriz e professora Gisele Vasconcelos, durante a disciplina Experiência Artística e a Prática do Ensino de Artes na Escola: Abordagens Metodológicas, vivenciamos a experiência aqui relatada. Inspirada no texto “Cartas entre artistas pesquisadoras professoras”, (Villegas, Mello, Liconti e

¹ Mestranda em Artes Visuais pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. *E-mail:* allessandrallilian@gmail.com.

² Mestranda em Artes Visuais pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. *E-mail:* glauciadosreis.m@gmail.com

³ Mestranda em Artes Visuais pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. *E-mail:* nascimento.jaquelinecns@gmail.com

⁴ Mestranda em Artes Visuais pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. *E-mail:* liviafrazao@yahoo.com.br

⁵ Mestranda em Música pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. *E-mail:* neiliane.oliveira@discente.ufma.br



Purper, 2020) a professora propôs, entre outras atividades, esta troca de cartas, apresentando ao colega nossa trajetória e pesquisa.

Falar sobre nossa trajetória requer admitir nossas dúvidas também: Como falar (e desenvolver) uma pesquisa em Arte no chão da escola? Estela Vilegas, em sua carta, nos trouxe alento: “Essa questão tem me atravessado e venho buscando respostas, encontrando mais perguntas e ainda não sei bem o que fazer. Talvez nunca saiba! Mas vou ver no que vai dar pensar-fazer sobre isso.” (Vilegas, Mello, Liconti e Purper, 2020).

Motivados a encontrar nossas próprias perguntas e respostas, e também pela curiosidade sobre o trabalho do outro, a necessidade de revisitar a nossa própria trajetória e de apresentar nossa pesquisa, iniciamos nossa troca de cartas, como a de **Lívia**, que reflete:

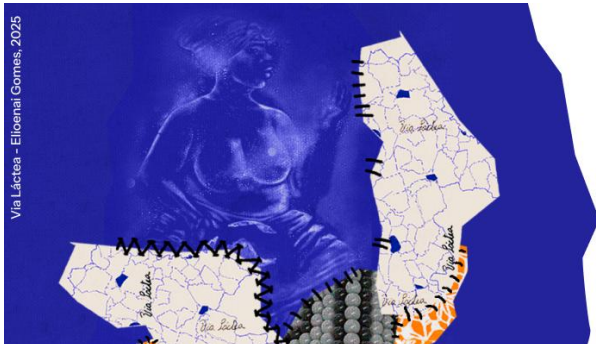
“...para escrever esta carta parei por diversas vezes na tentativa de organizar o turbilhão de ideias e emoções que se alojaram em mim após o início do mestrado... Tenho buscado meios que me permitam não deixar o mestrado passar por mim, quero viver a experiência: quero que o que me passe, o que me toque, o que me aconteça, me forme e me transforme. (...)

Do mesmo modo, **Jaqueline** compartilha suas inquietações:

“...gostaria de compartilhar com você um pouco do que tenho vivido e pensado ao longo dos anos como professora e apreciadora da arte. (...) Ensinar na escola pública é sinônimo de enfrentamento de muitos desafios, mas sigo acreditando que a arte pode transformar. A caminhada no mestrado requer não só razão, mas coragem, sensibilidade e persistência. Que possamos nos permitir errar, ressignificar e recomeçar, compreendendo que a arte e o conhecimento caminham conosco.”

Em outra troca, **Alessandra** escreve:

“...Sabe, minha trajetória começou meio por acaso, mas foi ganhando sentido nas escolas, nos bairros (Sacavém, Coroadinho, Fátima, Santa Clara, Vila Cotia... Vieira aqui em Ribacity, o puro suco da perifa), nas vivências com os alunos, nas conversas e desabafos com os colegas de profissão, nos projetos e principalmente



nos ligados à memória, ao território e à cultura. Descobri que esse é o meu Graal: as memórias dos territórios. (...)”

Neiliane relata:

“...Sei que a caminhada não é fácil. Equilibrar teoria e prática, enfrentar os desafios cotidianos e, ao mesmo tempo, produzir conhecimento científico, exige coragem, disciplina e, sobretudo, amor pela profissão e pela missão de educar. Mas também acredito que é através desse movimento, entre desafios e possibilidades, que nos tornamos educadores mais sensíveis, mais potentes e mais preparados para atuar, transformar e aprender com nossos estudantes. (...)”

Gláucia nos convida a pensar:

“Escrevo como... alguém que reconhece sua coragem ao escolher trilhar os corredores invisíveis da educação no contexto carcerário.

Em cada aula ministrada entre grades, você acaba semeando possibilidades onde muitos só enxergam limites. Eu sei muito bem o quanto é árduo manter acesa a chama da esperança em um ambiente marcado pela frieza institucional.

...Eu também conheço esse lugar. Aprendi a enxergar o mundo com outros olhos.

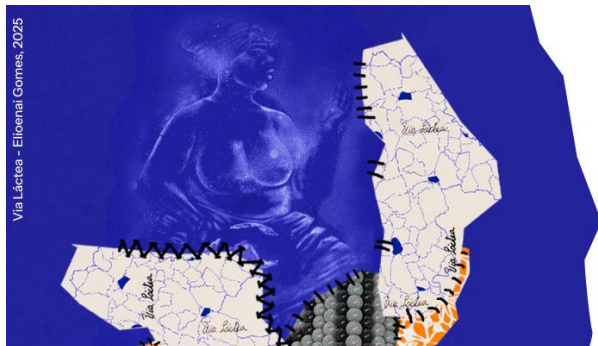
...Sempre acreditando que ensinar é mais do que só transmitir: é tocar, é despertar! (...)”

As cartas, carregadas de experiências pessoais, trajetórias e inquietações acadêmicas, revelam que o caminho da pesquisa em Arte não é linear, mas se constrói no entrelaçamento entre vida, território, sala de aula e reflexão crítica. Nelas, o exercício da escrita epistolar tornou-se espaço de acolhimento, troca e partilha — elementos fundantes da pesquisa em artes no chão da escola. Através delas, vivenciamos as palavras de Conceição Evaristo: “Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta.” (Evaristo, 2011, p. 9)

Vídeo 1: Entrega da carta a um colega da turma precedida de canto

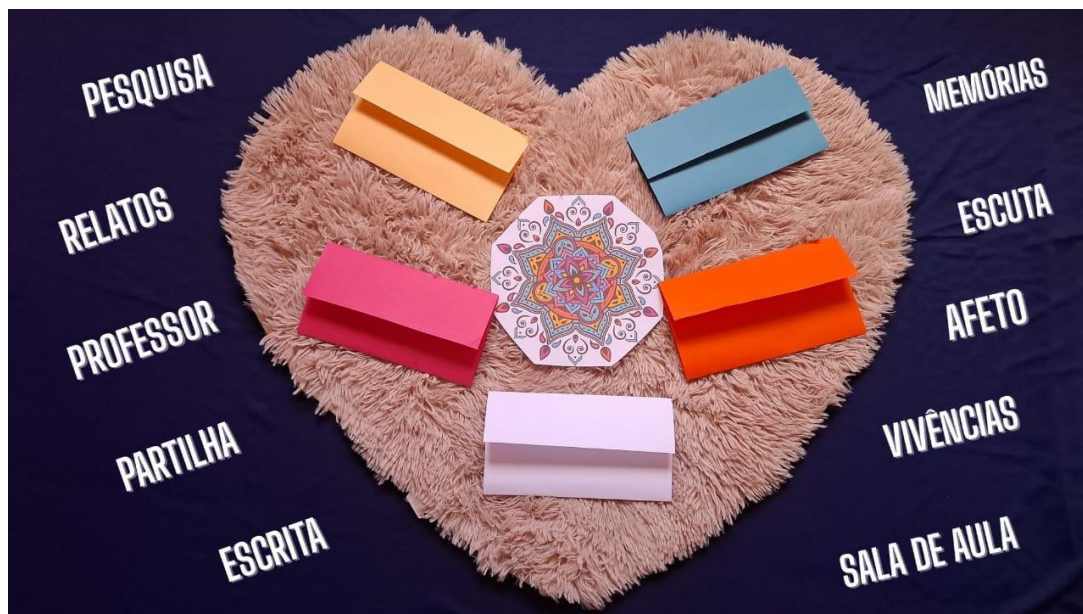
Link:

https://drive.google.com/drive/folders/13mTcxEPVeEhABn__0BSAksRt2i681mX6?usp=drive_link



Fonte: Dados audiovisuais criados pelas autoras, 2025.

Figura 1: Acervo de cartas destinadas a Mestrandas professoras-pesquisadoras do PROFARTE turma 2025 – UFMA (São Luís- MA)

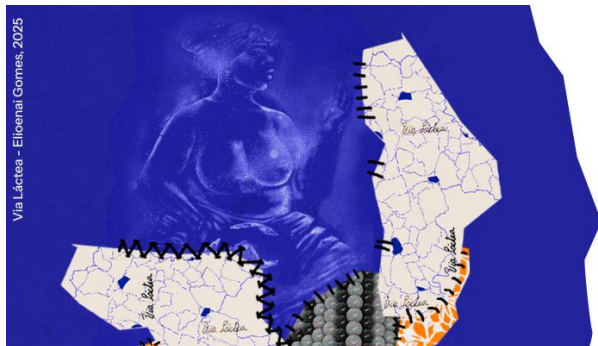


Fonte: Dados visuais criados pelas autoras, 2025.

Tomou-se como objetivo refletir sobre a atividade de escrita de cartas entre pares no mestrado como prática formativa que integrou narrativas pessoais e acadêmicas, permitindo o exercício da alteridade, do diálogo e da construção coletiva de sentidos sobre a docência e a pesquisa.

A metodologia utilizada baseia-se em um relato de experiência sobre uma prática metodológica desenvolvida com mestrandos do PROFARTES turma 2025, com encontros semanais de roda de conversa, momentos de leitura e escuta, exposição oral de narrativas pessoais e profissionais que foram percorridos a caminho do mestrado.

A atividade foi realizada em encontros presenciais da disciplina, no qual a professora Gisele Vasconcelos, propôs a escrita de cartas como estratégia pedagógica para favorecer a reflexão, o diálogo e o acolhimento entre os participantes.



Inicialmente, realizou-se a leitura e reflexão de textos de Jorge Larrosa, acerca da noção de experiência, e de Villegas, que discute a prática epistolar entre professoras pesquisadoras. A professora propôs a escrita de cartas entre pares. Para tal, foi realizado um sorteio no qual cada mestrando recebeu o nome de um colega a quem deveria escrever. A carta narraria o percurso pessoal, acadêmico e profissional, inquietações que motivaram a escolha do objeto de pesquisa, campo de estudo, dificuldades, desafios e autonomia de pesquisador. Finalizando com um momento de socialização em roda de conversa a partir da ideia de que “a experiência é o que dá sentido à escrita” (LARROSA, 2014). Cada participante escolheu uma música motivadora, cantou um trecho ao colega sorteado e foi feita a entrega da carta para o compartilhamento oral de seu conteúdo, promovendo assim não apenas a circulação de palavras, mas também de afeto, reconhecimento e acolhimento.

Os signos expressos em forma de palavras, também ganharam sentido nos abraços compartilhados, nos olhos lacrimejantes, nas músicas cantadas juntos, nas palavras ditas oralmente que elucidavam ideias e acolhiam sentimentos.

A experiência relatada mostrou o quanto esse exercício pode ser formativo, abrindo espaço para diálogo e escuta. As cartas, ao mesmo tempo que resgataram memórias e trajetórias pessoais, possibilitou o entrecruzamento de vivências acadêmicas, artísticas e docentes.

O exercício de escrever e ler as cartas não se limitou a um recurso metodológico, mas configurou-se como experiência que favoreceu a alteridade, o reconhecimento e a valorização da diversidade de percursos que compõem a turma de mestrandos do PROFARTES - 2025.

Assim, a proposta contribuiu não apenas para fortalecer os vínculos dentro da turma, mas também para evidenciar que a pesquisa em artes nasce de encontros, bem como das histórias que carregamos. As cartas, portanto, tornam-se um gesto de resistência e de afeto, reafirmando a potência da arte como mediadora da formação e da transformação social.